

Introdução à Filosofia de Louis Lavelle

Curso em seis aulas

Por OLAVO DE CARVALHO

Colonial Heights, VA, 6 a 11 de maio de 2013

Materiais auxiliares

Apresentação

A. D. Sertillanges chamou-o “o Platão dos nossos dias”. Jean-Louis Vieillard-Baron viu na sua *Dialética do Eterno Presente* “uma obra espantosa, o maior sistema de metafísica do século XX”; Sebastian Robert, “uma verdadeira catedral filosófica”; e Paul Ricoeur, “uma mina de ouro, que o mundo ainda vai descobrir”.

Se a descoberta demora, se esse tesouro ainda é a posse de uns poucos nos altos círculos intelectuais, é certamente porque a cultura das últimas sete ou oito décadas continua privilegiando antes os divertimentos cerebrais, os serviços prestados aos partidos políticos ou a partilha mafiosa dos postos acadêmicos do que a busca e expressão da realidade da existência.

Louis Lavelle dedicou todos os seus minutos ao desvendamento do enigma essencial e nunca fez o menor esforço para brilhar na mídia. Seu temperamento discreto e nobre, tão alheio aos debates de superfície quanto ao oportunismo que fez de um Sartre, de um Heidegger, de um Merleau-Ponty ou de um Wittgenstein os queridinhos da indústria de diversões públicas, manteve-o sempre voltado à “única coisa necessária” e persuadido de que as palavras ditas só para ganhar a platéia não têm valor nenhum.

Seu profundo cristianismo, sua concentração espiritual quase obsessiva e talvez até sua própria superioridade física de [homem](#) “muito grande, muito forte”, como o descreveu Jean Mesnard, defenderam-no de todas as tentações de uma época que fez da bajulação dos intelectuais um substitutivo do amor ao conhecimento.

Católico sincero, ele não cedeu nem mesmo aos encantos de um neotomismo fácil, que abriu as portas da respeitabilidade a tantos carreiristas cujas intenções secretas acabaram por se revelar no fiasco monumental do Concílio Vaticano II.

O caminho que ele seguiu não tem [similar](#) na filosofia do século XX, principalmente porque o solo de onde brota é o da genuína intimidade espiritual, o da sinceridade interior mais exigente e mais pura. Por essa mesma razão, seus escritos, malgrado sua clareza elegante e cristalina, podem ser de difícil absorção, porque exigem do leitor, mais que a mera compreensão conceitual, um exercício de autoconhecimento ao mesmo tempo psicológico e moral, que prepara a exposição dos grandes temas metafísicos e constitui, num segundo [momento](#), a meta final de todo esse empreendimento filosófico.

O método dialético de Lavelle, que articula a experiência interior ao raciocínio lógico com uma sutileza admirável, não pode ser praticado sem a mais disciplinada atenção e a mais devotada sinceridade, donde resulta, para o leitor, a verdadeira conversão espiritual, a vitória da concentração interior sobre as dispersões da vida mundana.

Lavelle restaura de modo eminente a vocação originária da filosofia como busca da sabedoria, e por isto o estudo da sua obra é hoje mais necessário do que nunca.

Louis Lavelle – Cronologia

- 1883 : Nasce em Saint-Martin-de-Villereal (Lot et Garonne) em 15 de julho.
- 1903 (aproximadamente) : Vive em Lyon, onde participa de discussões político-filosóficas e de manifestações libertárias.
- 1906: Admitido à *agrégation de philosophie*. Leciona em Laon e depois em Neufchâteau. Segue em Paris os cursos de Octave Hamelin e Henri Bergson.
- 1909 : Agregé de philosophie, Faculté de Lettres de Lyon. Leciona em Vendôme e depois em Limoges.
- 1911 : Escreve em Limoges seu primeiro texto de metafísica, “De l’existence” (que só será publicado em 1984).
- 1913 : Casa-se com Julie Bernard, que lhe dará quatro filhos.
- 1914 : Nasce seu primeiro filho, Jean François. Quando começa a guerra, Louis Lavelle serve na prefeitura de Limoges, encarregado de receber e encaminhar os refugiados e feridos. Em outubro, é transferido a Poitiers na mesma função, mas recusa-se a servir numa função auxiliar e insiste em ser enviado à frente de batalha.
- 1915 : Parte como soldado raso para a frente de batalha em Somme.
- 1916 : Removido para a frente de batalha em Verdun, em fevereiro. Em março, cai prisioneiro dos alemães.
- 1917 : Profere cursos de filosofia para os prisioneiros do campo de Giessen. Redige, em cinco cadernos comprados na cantina do campo, sua tese *La Dialectique du Monde Sensible*.
- 1919 : Desmobilizado, recebe a nomeação para professor do Liceu Fustel de Coulanges, em Strasbourg, onde lecionará até 1925.
- 1922 : Doutorado em filosofia pela Sorbonne com a tese *La Dialectique du Monde Sensible*. Aprovado com má-vontade pelo chefe da banca, Léon Brunschvicg, só lecionará na Sorbonne a partir de 1932.
- 1930 : Começa a publicar no jornal *Le Temps* uma seção mensal de crônicas filosóficas que prosseguirá até 1942.
- 1932 : Profere cursos de Filosofia Geral na Sorbonne até 1934.
- 1933 : *La conscience de soi* (Grasset).
- 1934 : Funda, com René Le Senne, a coleção “Philosophie de l’Esprit” na editora Aubier.

- 1934 : *La Présence Totale* (Aubier).
1936 : *Le Moi et son Destin* (Aubier).
1937 : *De l'Acte* (Aubier).
1938 : Funda, nas Presses Universitaires de France, a coleção “Logos” de manuais de filosofia destinados ao estudantes de cursos superiores.
1939 : *L'Erreur de Narcisse* (Grasset).
1940 : *Le Mal et la Souffrance* (Plon).
1940 : Chefe de gabinete do ministro da Instrução Pública.
1941 : Inspetor geral da Instrução Pública. Em outubro, é eleito para a cátedra de filosofia do *Collège de France*.
1942 : *La Parole et l'Écriture* (L'Artisan du Livre). *La Philosophie Française entre les Deux Guerres* (Aubier).
1945 : *Du Temps et de l'Éternité* (Aubier).
1947 : *Introduction à l'Ontologie* (P.U.F). Eleito membro da Académie des Sciences Morales et Politiques.
1948 : *Les Puissances du Moi* (Flammarion).
1951 : *De l'Âme Humaine* (Aubier). *Quatre Saints* (Albin Michel). *Traité des Valeurs*: tome I, *Théorie Générale de la Valeur* (P.U.F.).
1951 : Morre em Parranquet (Lot et Garonne) em 1º. de setembro.

Obras de Louis Lavelle

a) Publicadas em vida do autor:

- La Dialectique Du Monde Sensible*. Strasbourg, Les Belles Lettres, 1922.
La perception visuelle de la Profondeur. Strasbourg, Les Belles Lettres, 1922.
De l'Être. Paris, Alcan, 1928.
La Conscience de Soi. Paris, Grasset, 1933.
La Présence Totale. Paris, Aubier, 1934.
Le Moi et Son Destin. Paris, Aubier, 1936.
De l'Acte. Paris, Aubier, 1937.

L'Erreur de Narcisse. Paris, Grasset, 1939.
Le Mal et la Souffrance. Paris, Plon, 1940.
La Parole et l'Écriture. Paris, L'Artisan du Livre, 1942.
La Philosophie Française entre les deux Guerres. Paris, Aubier, 1942.
Du Temps et de l'Éternité. Paris, Aubier, 1945.
Introduction a l'Ontologie. Paris, Presses Universitaires de France, 1947.
Les Puissances du Moi. Paris, Flammarion, 1948.
De l'Âme Humaine. Paris, Aubier, 1951.
Quatre saints. De la Sainteté, ?, Albin Michel, 1951.
Traité des Valeurs: tome I, Théorie Générale de la Valeur, Paris. P.U.F., 1951.

(b) Publicações póstumas

Traité des Valeurs: tome II, Le Système des Différentes Valeurs, Paris, P.U.F., 1955.
De l'Intimité Spirituelle. Paris, Aubier, 1955.
Conduite a l'Égard d'Autrui. Paris, Albin Michel, 1958.
Morale et Religion. Paris, Aubier, 1960.
Manuel de Méthodologie Dialectique. Paris, Presses Universitaires de France, 1962.
Panorama des Doctrines Philosophiques. Paris, Albin Michel, 1967.
Psychologie et Spiritualité. Paris, Albin Michel, 1967.
Science, Esthétique, Métaphysique. Paris, Albin Michel, 1967.
De l'existence (manuscrit de Limoges de 1912), Gênes, Studio Editoriale di Cultura, 1984.
Carnets de Guerre, 1915-1918. Québec, Éditions Du Beffroi, 1985.
“La Négation et l’Absence”, fragmento da obra inacabada *La Réalité de l'Esprit*, começada em 1936 para a *Nouvelle Encyclopédie Philosophique* de Henri Delacroix. Société Académique d’Agen, Louis Lavelle: Actes du Colloque International d’Agen 27-28-29 septembre 1985, Agen, Société Académique, 1987.
L'existence et la valeur (Leçon inaugurale et résumés des cours au Collège de France, 1941-1951), Documents et Inédits du Collège de France, 1991.
Règles de la vie quotidienne. Orbey, Arfuyen, 2004.
« La pensée religieuse d'Henri Bergson », dans *Bergson, la vie et l'action*, études rassemblées par Jean-Louis Vieillard Baron, Paris, Le Félin, Les marches du temps, 2007.

Algumas fontes secundárias

- Andres, Mateo, *El Problema del Absoluto – Relativo en la Filosofía de L. Lavelle*. Buenos Aires, Pontificiae Universitatis Gregoriana, 1957.
- Berger, G. (Ed.), *Les Études Philosophiques. Lavelle*. Vendôme, Presses Universitaires de France, 1958.
- Caffarena, Judith G. Garcia, *El Instante y el Tiempo en la Filosofía de Louis Lavelle*. Rosario, 1983.
- Canullo, Carla, *Conscienza e Libertà. Itinerario tra Maine de Biran Lavelle Le Senne*, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 2001.
- Cavaciuti, Santino, *Libertà e Alterità nel Pensiero di Louis Lavelle*. Genova, Barboni Editore, 1996.
- D'Ainval, Christiane, *Une Doctrine de la Présence Spirituelle. La Philosophie de Louis Lavelle*, Paris, Éditions Nauwelaerts, 1967.
- École, Jean, *La Métaphysique de l'Être dans la Philosophie de Louis Lavelle*. Paris, Éditions E. Nauwelaerts, 1957.
- Ecole, Jean, *Louis Lavelle et l'Historie des Idées. Index des auteurs auxquels Il se réfère*. Hildesheim, Georg Olms Verlag, 2004.
- Ecole, Jean, *Louis Lavelle et le Renouveau de la Métaphysique de l'Être au XXe siècle*. Hildesheim, Georg Olms Verlag, 1997.
- Ekogha, Thierry, *Liberté et Création chez Nicolas Berdiaev et Louis Lavelle*. Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses.
- Grasso, Pier Giovanni, *Da una metafisica della partecipazione a un' ética dell'amore nella filosofia esistenzialista di L. Lavelle*. Brescia, La Scuola Editrice, 1948.
- Hardy, Gilbert, *La Vocation de la Liberté chez Louis Lavelle*. Paris, Éditions Nauwelaerts, 1968.
- Lavelle, Bruno (Ed.), *Seance Publique de l'Association Louis Lavelle au Collège de France*. L'Association Louis Lavelle, 1990.
- Levert, Paule, *L'Être et Le Réel selon Louis Lavelle*. Paris, Aubier, 1960.
- Louis Lavelle – Philosophie et Intériorité. Extrait de la Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, tome 88, n.º 2, Paris, Vrin, 2004.
- Maria, Amalia de, *L'antropologia di Lavelle*. Torino, Giappichelli Editore, 1976.
- Nobile, O. M., *La Filosofia di Louis Lavelle*. Firenze, G. C. Sansoni Editore, 1943.
- Parmegiani, Ulisse, *Studio sul Concetto di Anima nelle Opere di Louis Lavelle*. Torino, Corsi Editore, 1985.

Piersol, Wesley, *La Valeur dans la Philosophie de Louis Lavelle*. Lyon, Emmanuel Vitte Éditeur, 1959.

Presença Filosófica, [edição especial dedicada a Louis Lavelle], Vol. IX, n.ºs 1 e 2, jan./junho, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1983.

Presença Filosófica, Vol. IV, n.º1, jan./mar., Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1978.

Presença Filosófica, Vol. VIII, n.ºs 1 e 2, jan./jun., Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1982.

Presença Filosófica, Vol. X, n.ºs 3 e 4, jul./dez., Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1984.

Quito, Émérita, *La Notion de la Liberté Participée dans la Philosophie de Louis Lavelle*. Fribourg, Éditions Universitaires Fribourg Suisse, 1969.

Quito, Émérita, *La Notion de la Liberté Participée dans la Philosophie de Louis Lavelle*. Fribourg, Éditions Universitaires Fribourg Suisse, 1969.

Ramírez, Napoleón, *La Filosofía de Louis Lavelle: Dios Me Es Más Interior que Yo Mismo*. Roma, Pontificiam Universitatem S. Thomae, 1964.

Randrianasolo, Jean Baptiste, *La Methode de Reflexion de Louis Lavelle dans le Contexte de la Philosophie Française*. Roma, Pontificiae Universitatis Gregorianae, 1987.

Reymond, Christiane, *Autrui dans la Dialectique de l'Éternel Présent de Louis Lavelle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.

Robert, Sébastien, *La Philosophie de Louis Lavelle. Liberté et participation*, Paris, L'Harmattan, 2007.

Sargi, Bechara, *La Participation a l'Être*. Paris, Beauchesne et Ses Fils, 1957.

Sauvent, Fabienne, *La Relation à Autrui chez Louis Lavelle*. Bordeaux, 1988.

Société Académique d'Agen, *Louis Lavelle – Actes Du Colloque International d'Agen*. Recueil des Travaux, 3^e Série, Tome VII.

Truc, Gonzague, *De J.-P. Sartre e L. Lavelle ou Désagrégation et Réintégration*. Paris, Éditions Tisserot, 1946.

Vieillard-Baron, Jean-Louis et Panero, Alain (Ed.), *Autour de Louis Lavelle. Philosophie Conscience Valeur*, Paris, L'Harmattan, 2006.

A Realidade do Espírito

Louis LAVELLE

“De La Réalité de l’Esprit. Théorie de l’Esprit. Extrait d’un Texte Inédit”, em Société Académique d’Agen, *Louis Lavelle. Actes du Colloque International d’Agen, 27-28-29 septembre 1985*, Agen, Société Académique, 1987, pp. 103-152. Seleção e tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do curso “Introdução à Filosofia de Louis Lavelle”, Colonial Heights, VA, USA, 6-11 de maio de 2013. Proibida a difusão por quaisquer meios.

1. -- Vivemos num mundo que é formado de um conjunto de corpos – entre os quais há um que nos afeta e que chamamos de nosso --, de acontecimentos que ora nos satisfazem, ora nos decepcionam, onde encontramos outros seres que se parecem conosco, com os quais não cessamos de nos harmonizar ou de entrar em choque. Mas, por trás desse mundo que vemos, há outro que não vemos e do qual aquele não é senão a manifestação: é um mundo onde não há nada que nos seja dado, mas pelo qual todo dado se explica e se justifica, que reside somente em certas operações interiores cuja realização depende de nós, que desaba desde que elas cessam e renasce desde que elas recomeçam e que, desde que nele penetramos, se torna para nós o mundo real do qual o mundo percebido e sentido é ao mesmo tempo a aparência, o produto e o instrumento. É o mundo do espírito, que é um mundo comum a todos, do qual cada um de nós é livre para negar a existência e mesmo, até certo ponto, para excluir-se dele, que se abre e se fecha para nós por um ato do qual dispomos, que fixa o nosso lugar nele e que ninguém pode fazer por nós.

2. – Há portanto uma experiência do espírito. Mas não é jamais a experiência de um objeto, é a experiência de um poder que temos em ação e que não podemos apreender senão no seu exercício. Essa experiência não comporta nenhum “para além”: aquele que a realiza, realiza, no ato que apreende, o ser mesmo que ele

apreende. Ela tem portanto um alcance ontológico. Ela encontra em si mesma seu próprio fundamento. Ela tem um valor universal, mas somente para todos aqueles que aceitam fazê-la.

3. -- Pode-se dizer ainda que a realidade do espírito é metafísica, já que ela mesma está para além do mundo físico, isto é, para além de toda experiência que porte sobre um objeto: não, todavia, no sentido de que para atingi-la fosse preciso instaurar por um ato de imaginação um objeto puro que estivesse por trás do objeto visível, mas neste outro sentido mais profundo de que ela é o procedimento [*démarche*] que nos permite instaurar todo objeto e, em consequência, a condição mesma da sua possibilidade. O que se poderia exprimir igualmente bem dizendo que ela está aquém do objeto e não além, já que ela é a operação mesma sem a qual o objeto não poderia nem ser, nem ser percebido.

4. – No entanto, se o espírito não é jamais um objeto que seja dado, mas um ato que se cumpre, é preciso que tenhamos uma experiência desse ato mesmo ao realizar-se. Essa experiência é uma experiência da consciência, por oposição à experiência do objeto, que é uma experiência do conhecimento. Ela é de natureza psicológica e não física. É verdade que, em geral, se põe sob suspeita o valor metafísico de todo aporte psicológico. Mas é porque se entende por realidade psicológica os meus estados individuais tais como me aparecem na sua relação com os acontecimentos que me sucedem ou com a disposição momentânea do meu corpo: ora, esses estados não são, eles mesmos, senão objetos evanescentes que não posso confundir com o ato que os produz ou que os padece, que os julga, que os faz meus, que define em face deles uma atitude que tomo, uma responsabilidade que assumo. O espírito, que me permite dizer “eu”, reside no ponto em que esse ato se produz. Apreendo aí um absoluto presente do qual todo estado é fenômeno: e, já que esse ato não merece o nome de ato senão pela consciência que ele engendra, mas que o aclara, pode-se dizer que ele é metafísico por sua essência e psicológico por nossa apropriação. A teoria do espírito não pode portanto ser senão uma psicometafísica.

5. – Mas não se limitará a teoria do espírito à explicação do mundo dos objetos: ele não é somente a potência de produzir a representação. Ele é também a potência de querer, e de querer antes de tudo a representação mesma. Ele não instaura as razões daquilo que é senão para encontrar nelas as razões daquilo que deve ser. Ele é o liame supremo entre o ser e o valor. E não há sucesso que ele obtenha por sua operação que não convoque um julgamento que o ratifique.

6. – Pode-se opor ao espírito uma espécie de liminar e negar sua realidade que não pode jamais tornar-se a de um objeto. Mas essa negação mesma é instrutiva. Na operação pela qual ele se nega, o espírito dá testemunho daquela soberana independência, daquela atividade suprema que está nele e que, precisamente por ser capaz de tudo instaurar, o coloca acima de toda coisa instaurada, inclusive ele próprio desde que ele se torne uma delas.

7. – Esse poder de negar-se não é portanto senão a aplicação última e a contrapartida do poder pelo qual ele se constitui, que é o poder de negar o ser enquanto dado, a fim de submetê-lo ao seu julgamento e exigir que apresente seus títulos: de tal modo que, se o ser tem sucesso em fornecê-los, ele confessa seu caráter espiritual e, se fracassa, ele já não é nada mais que uma ilusão evitada, uma tentativa falhada ou um mal que se deve jogar ao nada. Assim, o espírito, ao debruçar-se sobre si mesmo, não se torna árbitro do ser senão porque ele é *a sua essência e o seu modelo*. Não se poderia, com efeito, considerá-lo como uma potência de julgar o Ser e [ao mesmo tempo] colocá-lo, ele próprio, fora do Ser. Ele não se poderia descobrir a si próprio enquanto potência sem atribuir-se também a responsabilidade do seu exercício: o espírito é a responsabilidade assumida em face do Ser, que para ele se torna sempre um dever-ser; ele não pode buscar senão explicá-lo ou reformá-lo, isto é, produzi-lo. É que ele próprio se produz eternamente; é por isso que o ser exterior a ele, e que lhe resiste, não obtém crédito diante dele senão quando se converte na própria operação dele. O que basta para mostrar que ele se considera a si mesmo como o Ser enquanto criador, e que, já que criando-se ele cria ele mesmo suas próprias razões, não somente ele não pode se considerar como uma coisa má, mas ainda ele se obriga a pensar que todo o mal que reside no mundo não resulta senão dos seus próprios desfalecimentos.